

RESENHA (VERSÃO EM PORTUGUÊS)

LUHMANN, INTÉRPRETE DE HUSSERL. O OBSERVADOR OBSERVADO*

Sergio Pignuoli Ocampo¹

A investigação sistemática dos diálogos da *Systemtheorie* de Niklas Luhmann com a *Phänomenologie* de Edmund Husserl e outras variantes pós-husserlianas e não intencionalistas dessa corrente acumulou um sólido corpo de conhecimento desde o início da década de 1970. Particularmente concentrada no mundo acadêmico de língua alemã, mas com proeminentes especialistas anglo-saxões e japoneses, essa linha de pesquisa vem tocando em cordas íntimas do programa sistêmico desde aqueles anos, chegando a afirmações e interrogações atraentes e desconfortáveis. Com sua obra: “Luhmann, interprete de Husserl. El observador observado” [Luhmann, intérprete de Husserl. O observador observado], o pesquisador argentino Lionel Lewkow fez uma contribuição notável para essa discussão. Trata-se, além disso, da primeira obra com essas características escrita em espanhol, razão pela qual também enriquece a vasta recepção latino-americana da Teoria Geral dos Sistemas Sociais (TGSS) com um produto intelectual do mais alto rigor.

Nessa obra erudita, de leitura agradável e com argumentação comparativa, o autor revisita cuidadosamente sua tese de doutorado, compara-a com o progresso de sua pesquisa posterior e a enriquece com novas fontes. O último aspecto é especialmente notável, pois Lewkow incorpora em seu argumento materiais recentemente disponíveis, como os atualmente publicados em formato digital e impressos pela Luhmann-Archiv.

* LEWKOW, Lionel. **Luhmann, interprete de Husserl. El observador observado**. Buenos Aires: Miño y Dávila, 2017.

¹ Pesquisador de carreira e professor regular de sociologia no "Consejo Nacional de Investigaciones Científicas y Técnicas" (CONICET). Doutor em Ciências Sociais pela Universidade de Buenos Aires. Mestre em Comunicação e Cultura. Licenciatura em Sociologia.

Cada um desses méritos é uma boa companhia para a jornada que Luhmann, o intérprete de Husserl, oferece-nos.

A primeira surpresa do livro vem logo no início, em suas páginas iniciais. É o desafio de Lewkow à ideia reconhecidamente difundida e naturalizada de que a recepção da fenomenologia husserliana por Luhmann está confinada ao domínio do sentido. Sua crítica a essa proposição é constante no livro e mereceria um subtítulo alternativo do tipo “Este não é um livro sobre o sentido”. O autor chama isso de “interpretação hegemônica” e “reducionista” e, ao longo de sua análise, ele se esforça para revelar suas fraquezas e restrições, sendo a força de seu argumento a demonstração do profundo mal-entendido entre os dois conceitos de sentido. À luz desse trabalho, o sentido não é o *symbolon* da convergência entre *Systemtheorie* e *Phänomenologie*, mas seu *dyabolos*. A contundência dessa afirmação e de sua consistente argumentação é o convite que o livro nos faz para entrar em sua leitura.

A posição alcançada pelo autor vai, sem prejuízo do exposto, além dessa oposição. A crítica zelosa da “interpretação hegemônica” é apenas um passo, o primeiro, em um movimento mais amplo. Conhecedor de ambos os programas, Lewkow argumenta que não decorre dessa oposição o fato de não haver convergência entre eles. Há convergências e seu solo é fértil, mas, para acessá-las de uma perspectiva produtiva, é necessário reformular sucessivamente as bases teóricas da comparação e das convergências de maneira mais cuidadosa e profunda. Para tanto, ele propõe deslocar o eixo do incompreendido conceito de sentido para o inexplorado conceito de consciência, uma vez que é este, e não o primeiro, o conceito de Husserl que Luhmann enraíza mais intimamente em seu fundamento operativo.

Assim, o movimento articula duas operações. A primeira delas é um prelúdio e consiste em criticar a “interpretação hegemônica” do conjunto Luhmann-Husserl centrada no sentido. A segunda operação é reconstrutiva e consiste em redimensionar o conceito de consciência da TGSS. Um conceito cuja evolução oscilou uma vez que as viradas comunicativas e autopoieticas o impuseram como uma lacuna de resolução obrigatória. E é intencionalmente que falamos em reconstrução, e não uma análise de variações, porque

Lewkow opta por desenvolver e estabilizar um conceito onde Luhmann apenas esboçou noções precárias que repousam em terreno instável. Esse motivo reconstrutivo o leva, em primeiro lugar, a reconstruir o intrincado cenário pós-1984, em que Luhmann vagou entre variantes e elaborações incongruentes, sem chegar a uma definição autopoiética da consciência e sem que nenhuma das variações experimentadas estabelecesse as bases para uma teoria do sistema psíquico. Diante desse curso vacilante, Lewkow, em segundo lugar, retoma a posição de *Die Kunst der Gesellschaft*, onde o sociólogo de Bielefeld estabeleceu a percepção [*Wahrnehmung*] como a operação da consciência e, mantendo-se firme nessa posição, completa a operação que Luhmann deixou inacabada: ele estabelece, por meio de uma *collatio* interna, a primazia da definição perceptual da consciência sobre as outras variantes [*Vorstellung, Gedanke*] e, em terceiro lugar, consolida esse conceito entrelaçando-o artesanalmente com certos estágios de outros conceitos em suas respectivas evoluções dentro da TGSS, como intencionalidade, temporalidade, corporeidade, situacionalidade, entre outros.

Os ganhos relatados por essa reconstrução de um sistema de categorias relativo à consciência como um sistema perceptivamente autopoiético são consideráveis. Lewkow demonstra isso entrando em *terra incognita*. Primeiro, ele delinea uma comparação operacional entre o sistema social e o sistema psíquico, com base na nova possibilidade de combinar comunicação e percepção. Em segundo lugar, ele demarca os *loci critici* em que essa concepção perceptual da consciência se abre para a *Bewusstseinsphilosophie* [Filosofia da consciência] de Husserl. Nessa última incursão, Lewkow justifica a mudança do eixo do sentido para o eixo da consciência, mostrando que os fundamentos desse último estão enraizados abaixo da linha d'água do eixo do sentido e, assim, reformulando a comparação do tandem Husserl-Luhmann.

O conteúdo central do livro está distribuído em duas partes, que são precedidas por um penetrante “Prólogo” de Aldo Mascareño e uma breve, mas vigorosa, “Introdução” do autor, seguidas por um imperdível “Post Scriptum”, que relaciona os resultados alcançados com os materiais recentemente publicados pela Luhmann-Archiv, e por um bloco de “Anexos”, cujos textos iluminam recantos do argumento principal. A primeira parte, intitulada “Lo social y su *jenseits*” [O social e seu além], prepara o exercício comparativo e

compreende dois capítulos. O primeiro capítulo, intitulado “Sistemas sociales” [Sistemas sociais], resume breves notas biográficas sobre Niklas Luhmann, compila as principais fontes de seu projeto intelectual e apresenta os conceitos fundamentais que serão objeto da comparação. O segundo capítulo, intitulado “Sistemas psíquicos” [Sistemas psíquicos], analisa as oscilações de Luhmann em torno da definição operacional de consciência, compara as variantes, inaugura a reconstrução da consciência como um sistema de percepção e, por fim, apresenta uma comparação entre percepção e comunicação como operações.

A segunda parte, intitulada “Observando al observador” [Observando o observador], é dedicada a uma comparação do “tandem Luhmann-Husserl”, no decorrer da qual a recepção do último pelo primeiro é examinada criticamente. Essa parte é composta por três capítulos. O terceiro capítulo, intitulado “¿Luhmann fenomenólogo?” [Luhmann, o fenomenólogo?], é o ponto crucial do argumento, pois os *loci critici* da recepção são revisados e acompanhados. Ele começa com uma análise detalhada da recepção do conceito de significado e de várias de suas noções associadas. Em seguida, é apresentada a interface metodológica entre funcionalismo e fenomenologia elaborada desde o início por Luhmann e, depois, são apresentadas as “traduções” para a linguagem sistêmica com as quais o sociólogo de Bielefeld adotou Husserl em suas principais obras editadas. Depois disso, a sociologia de Luhmann é discutida em relação à concepção de intersubjetividade do filósofo da Morávia em sua quinta meditação cartesiana. Esse capítulo termina com uma introdução rigorosa dos problemas da teoria da consciência que a perspectiva sistêmica deve enfrentar, incluindo a posição promovida por Lewkow. O quarto capítulo, intitulado “Volviendo a Husserl” [Retornando a Husserl], coloca-se no espelho do primeiro capítulo: oferece uma apresentação do famoso matemático e filósofo morávio, apoiada por notas biográficas e intelectuais sobre seu projeto intelectual, e depois retoma os conceitos que participarão da comparação. Finalmente, o quinto e último capítulo, intitulado “Simbólico/Diabólico” [Simbólico/Diábolo], é o cenário para a comparação dos autores. E nele são apresentadas as conclusões sobre o sentido de uma crítica husserliana à suposta recepção de Luhmann. Nesse terreno recuperado e

fertilizado, a teoria da consciência faz seu caminho, no coração do qual, e somente nele, as convergências entre os programas são levantadas e aprofundadas. A partir daí um novo *symbolon* é constituído nos diálogos sistemáticos da *Systemtheorie* e da *Phänomenologie*.

O sabor deixado no final dessas páginas delicadas, parafraseando Lakatos, é que se trata de uma pesquisa com heurística positiva para a pesquisa de sistemas sociais. Seguindo o caminho oposto àquele seguido pelo declínio da “virada ontológica” na teoria dos sistemas e seu slogan sonoro “Teoria dos sistemas além de Luhmann” (Elder-Vass, 2007). Lewkow, por meio de um trabalho de interpretação e reconstrução, cuja seriedade contrasta com as leituras apressadas e enganosas dessa “virada”, concentrou-se no tandem que se tornou o binômio Luhmann-Husserl e identificou na consciência e na percepção um potente núcleo teórico, adequado para expandir a problemática da TGSS e da fenomenologia, bem como da pesquisa de sistemas em um sentido geral. Essa ambição muito bem-vinda, realizada em seus primeiros passos e projetada, tanto em seu poder sociológico e filosófico quanto em sua abertura dialógica para as ciências cognitivas, torna Luhmann, o intérprete de Husserl, uma referência imprescindível.



REFERÊNCIAS

ELDER-VASS, Dave. Luhmann and Emergentism: Competing Paradigms for Social Systems Theory? **Philosophy of the Social Sciences**, v. 37, n. 4, p. 408-432, 2007.

OCAMPO, Sergio Pignuoli. Luhmann, intérprete de Husserl. O observador observado. Resenha de: LEWKOW, Lionel. Luhmann, interprete de Husserl. El observador observado. Buenos Aires: Miño y Dávila, 2017. **RBSD – Revista Brasileira de Sociologia do Direito**, v. 11, n. 3, p. 119-123, set./dez. 2024.

Recebido em: 05/09/2024

Aprovado em: 05/09/2024